



DA NOSSA VIDA

Quero ser padre

NAQUELE dia 3 de Outubro do ano de 1925, Pai Américo, ainda ao tempo o senhor Américo, modo como o viriam a tratar os seus companheiros do Seminário Maior de Coimbra, começava a concretizar o chamamento interior que o impelia para ser padre. Este era o seu desejo de infância, que nessa fase da vida praticava imitando celebrações religiosas, que levaram os seus irmãos a cognominá-lo de «beato».

Sua mãe, certamente atenta a estas práticas infantis, concordava com o desejo que este filho expressava; seu pai, porém, que talvez não compaginasse a seriedade que essa vocação exigia com o modo de ser do filho que manifestava gosto pelas tradições populares, efusivas da alegria e divertimento que lhes são próprias, não aceitou que *Amériquito* entrasse pelo caminho que este pedia à mãe, o de ser padre.

Foi preciso esperar que chegasse o mês em que faria 38 anos, para dar início à caminhada de preparação para o sacerdócio ministerial. Foram muitos anos de espera, nos

quais se formou humanamente, conheceu a vida do mundo em vários lugares deste, em que fez naturalmente o discernimento do bem e do mal, do que é conveniente ou inconveniente numa vida que se quer próxima de Deus e útil à sociedade dos homens.

Logo nos primeiros contactos com os jovens seminaristas, deu-se um episódio curioso entre Américo e um deles, de nome Raúl Mira, que viria a ser seu colega no sacerdócio ministerial, que no meu início da mesma caminhada contou pessoalmente. Encontravam-se no *hall* de entrada do Seminário. Vendo uma especial personagem vestida de fato claro, traje nada habitual no meio em que se encontravam, dirigiu-se-lhe e quis saber como se chamava. O senhor Américo retribuiu a pergunta: «E você como se chama?». «Raúl Mira», respondeu o jovem seminarista. «Pois eu chamo-me Mira Raúl».

Muito tempo depois, Pai Américo haveria de dizer que via tudo ao contrário, ironizando que talvez fosse dos óculos. Curiosa esta troca na ordem



das palavras, uma espécie de premonição da procura da Verdade que se alcança pelo desfazer da ordem estabelecida, passando de uma visão superficial da realidade para uma leitura em profundidade da vida, o que fará de Pai Américo um cristão distinto do comum, cheio de sabedoria.

Cumprido o seu desejo que o acompanhou desde a infância, com maior ou menor consciência, até atingir a idade perto dos quarenta. Depois dele, vários padres fizeram a sua formação sacerdotal neste Seminário da Igreja de Coimbra, e dedicaram o seu ministério ao serviço da Igreja na Obra da Rua. Por isso mesmo, a esta Diocese e seus responsáveis, na pessoa do seu actual Bispo Dom Virgílio Antunes, manifestamos o nosso agradecimento reconhecido.

Padre Júlio

CALVÁRIO

A semana entre 14 e 20 de Setembro foi um tesouro que abrimos e que agora expomos. Os aniversários do Sérgio Manuel, do Mário Veloso e do Sr. Pacheco, que nos visitou acompanhado da Prof.^a Maria dos Anjos (voluntária no Calvário de outros tempos), encheram os nossos sentidos que ficaram mais apurados. As actividades de sociabilização, de desenvolvimento psíquico e de animação cultural começam a ganhar outras formas e apresentam-se mais adaptadas às necessidades e capacidades de autonomia dos membros do Calvário.

Estão em curso o atelier de papel reciclado, o jogo de boccia, a ida às piscinas e a hipoterapia. Para que tudo fosse possível estiveram conosco, nestes dias, o Nuno Saraiva, vindo de Lisboa e a Amélia Costa, proveniente da Guarda. Contámos com o precioso préstimo da Isabel Corte Real e da Rute Lemos, nossas colaboradoras permanentes. A ida ao centro hípico Assinatura de Mestre em Felgueiras para as primeiras impressões da hipoterapia cativou a Luísa, o Paulo Sérgio, o Sr. Carlos Vieira e o Padre Telmo, que muito se lembrou do seu manso cavaliño Rocha. Em quatro dias

Continua na página 4

PÃO DE VIDA

De como Américo Monteiro de Aguiar chegou ao Seminário de Coimbra

PARA assinalar o Centenário [1925-2025] da entrada de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra, cuja admissão ocorreu em 3 de Outubro de 1925, importa rememorar de relance alguns passos significativos que precederam este acontecimento pessoal e eclesial marcante. Na verdade, considerando a decisão acertada do então Bispo de Coimbra — D. Manuel Luís Coelho da Silva, acabou por ter um final feliz!

Américo de Aguiar regressou a Portugal em Janeiro

1923, depois de ter trabalhado como despachante alfandegário em Moçambique — Chinde e Lourenço Marques — durante 16 anos, para onde foi em Novembro de 1906, ao encontro do seu irmão Jaime. No seu itinerário vocacional, entre Julho e Setembro de 1923, aconteceram momentos espirituais muito importantes que o fizeram não voltar para África, respondendo assim afirmativamente e de forma conclusiva aos múltiplos apelos de Deus que foram acontecendo desde a infância, para seguir Jesus em radicalidade

evangélica. A esses momentos determinantes chamou *marteladas*. Esta designação *martelada* vem confirmada num testemunho escrito sobre um encontro para esclarecer dúvidas, em 1923, na cidade de Penafiel, com o Pároco e antigo companheiro de Escola Primária, em Galegos — o Padre Dr. Avelino Soares. Diz assim: «[...] Sabes, Avelino, é uma 'martelada'. Olha é uma 'martelada'! Não sei explicarte melhor. [...]» [*O Gaiato*, N.º 327, 15 Set. 1956, p. 2]. Este termo pessoal terá reminiscência do tempo [1902-1905]

em que foi marçano no Porto, a vender ferros?...

Como está documentada esta nova fase do seu percurso de vida, de uma carta ao seu amigo Simão Correia Neves [1888†1965], de 17 de Outubro de 1923, recortamos o seguinte: «[...] Escrevi ao [Manuel] Mendes [de Xai-Xai] a dizer que não volto a África e os negócios daqui ficam com o meu irmão, que tem *office* no Porto com Vitorino e quejandos. [...] Eu vou para um convento de franciscanos em Espanha. Razões por que deixo a vida

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

PARQUE DE LAZER — Parece que vai ser desta vez que os nossos pavões vão ter crias. A pavo está há vários dias no choco. Temos tido todo o cuidado para a não perturbar, evitando que se assuste e venha a abandonar o choco. Daremos notícias quando, como esperamos, nascerem os pavõezinhos. Entretanto as pombas vão-se multiplicando. Como a rede do viveiro é de malha larga, tivemos duas que saíram enquanto eram pequenas, e agora não saem de cima do viveiro, fazendo companhia umas às outras.



VINDIMA — Fizemos a nossa vindima. Numa tarde e numa manhã juntamos todos os que estavam disponíveis e, como a produção é mais reduzida que noutros anos, terminamos a tempo de despachar a uva vindimada para a adega. Como não tínhamos vinho tinto, fizemos depois a vindima destas uvas, que o António tratou para que saia um vinho de boa qualidade.

SILAGEM — Este alimento fundamental para o gado, foi colhido nos nossos campos com a máquina de ensilar e transportado para o silo. Entre carradas, um trator foi calcando a silagem, para que possa fermentar em boas condições. Tivemos uma produção superior aos últimos anos, para o que contamos com a ajuda amiga de um nosso vizinho.

Repórter X

MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE PADRE CARLOS — A 18.09.2025, ocorreu o centenário natalício do nosso Padre Carlos, cujo nome completo é Carlos José Galamba Bragança Ferreira. Nasceu a 18.09.1925, na freguesia de S. Jorge de Arroios – Lisboa, filho de José António Bragança Ferreira e D. Irene Galamba Vieira, e foi baptizado a 5.11.1925, na igreja paroquial dessa freguesia. Formou-se em Engenharia Electrotécnica, na Universidade do Porto. A 9.11.1949, entrou no Seminário Maior de Cristo Rei dos Olivais; e foi ordenado Presbítero a 2.05.1954, por D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa. A 16.07.1954, recebeu licença para se deslocar para a Diocese do Porto, servindo na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Foi o sucessor na direcção da Obra da Rua, desde 18.07.1956, após a morte de Pai Américo, em 16 de Julho. Nos últimos anos, foi responsável do Lar do Gaiato do Porto. Serviu a Obra da Rua cerca de 57 anos. A 25.03.2011, entrou no Lar de Idosos das Irmãs das Pobres, no Porto, onde faleceu a 22.04.2011, com 85 anos. Os seus restos mortais repousam no cemitério antigo de Paço de Sousa. Foi recolhida em livro uma parte dos seus artigos publicados n' *O Gaiato*, de que foi director: *Padre Carlos – Crónicas Escolhidas e Documentário Fotográfico*, Porto: Modo de Ler, 2014.

Segundo o testemunho do Padre Manuel Joaquim Gonçalves [1921-2023], responsável da nossa Casa de 1947 a 1950, foi na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo que o sr. Eng.º Carlos Galamba se decidiu a ingressar no Seminário. Pelo dom da sua vida ao serviço da Igreja, na Obra da Rua, e pelo seu descanso eterno com Deus, em sua memória foi celebrada Missa na nossa Casa do Gaiato, recordando-o com muitas saudades!

CENTENÁRIO DA ENTRADA DE AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR NO SEMINÁRIO DE COIMBRA — No dia 3 de Outubro de 1925, Américo Monteiro de Aguiar foi admitido no Seminário da Sagrada Família de Coimbra, da Diocese de Coimbra, pelo Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, recomendado pelo seu irmão mais velho, Padre José Monteiro de Aguiar, e pelo franciscano Padre Fr. Inocência do Nascimento. Depois, em 23 de Outubro fez 38 anos.

Para celebrar o Centenário desta data muito importante da vida do nosso Venerável Padre Américo, a Obra da Rua ou Obra do Padre Américo organizou um programa comemorativo, no dia 4 de Outubro de 2025, sábado, a partir das 10 horas, com acolhimento, no Seminário Maior de Coimbra [cuja colaboração

agradecemos], do qual se destacam duas conferências sobre Pai Américo, pelo Padre Jorge Cunha e pelo Padre João Pedro Bizarro, e especialmente uma Eucaristia, pelas 12h15, presidida pelo senhor Bispo de Coimbra, D. Virgílio Antunes. Depois, o almoço será do farnel, nos jardins do Seminário. Todos os Amigos e Amigas estão convidados a celebrar este grande dia do Centenário da admissão de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra. Depois da sua ordenação, em 28 de Julho de 1929, passou a assinar como *Padre Américo!*, servindo os Pobres até à morte. Ficou conhecido para sempre como *Pai Américo*.

PARTILHAS E CONTACTOS — Nesta coluna, agradecemos também os donativos e os bens alimentares que nos chegaram na última quinzena. Bem-hajam! Como no dia 3 de Outubro faz 100 anos que o nosso Pai Américo entrou no Seminário de Coimbra, é nosso dever agradecer as mensagens que nos foram chegando, a propósito desta data feliz. Muito obrigado! Somos todos chamados a divulgar a sua Causa de Beatificação, com a oração autorizada pela Igreja. A nossa morada e os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo – Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, N.º 15, 3220-034 Miranda do Corvo; telefone – 239 532 125; correio electrónico – gaiatomiranda@gmail.com

Rapazes de Miranda

BEIRE – Flash's

Um Culto, um Cultivo, uma Cultura...

Pode parecer um *brincar com as palavras*. Pode. Mas não é. É uma tentativa de *perfurar* a realidade cultural em que se vive. Neste caso concreto, a cultura do *Dia dos Anos*. Aqui no caso do Calvário, acho interessante o que está a acontecer — celebrar condignamente o *Dia dos Anos* de cada um daqueles que fazem parte desta *Família do Coração*. Os voluntários incluídos. Porque queremos ser uma *Família do Coração*. E de *Fé*. Sempre em renovada *com*strução.

Insisto no *com*, porque isto vem sendo um trabalho de equipa que já vem de trás e se vai adensando, graças ao peculiar apoio encontrado em Pe. Alfredo — timoneiro desta barca neste mar encapelado...

1. A NATIVIDADE de Nossa Senhora. Gosto de olhar, pensar e sentir *a vida* como uma grande festa. Uma festa que, também eu preciso *fazer acontecer*. Ando por aqui há já tantos anos e *ainda não* me tinha dado conta de que, também nós os crentes, temos um *Dia dos Anos* da nossa Mãe

do Céu. Hoje, 08.09.25, veiculado pelos 101 anos da D. Esmeralda e os 58 da Tinita, deixei-me *cair na conta*. E, até as minha entranhas, todas se regozijavam, à medida que eu me deixava interiorizar pela sabedoria do *Povo de Deus*. Uma sabedoria que, tantas vezes, se manifesta por detrás de uma «fé de carvoeiro»...

Gostei, por exemplo, de saber que este *Dia dos Anos de Nossa Senhora* (08 de setembro) foi uma *escolha simbólica*, marcando os nove meses que se seguem à Solenidade da Imaculada Conceição, a 8 de dezembro. E também gostei de saber que «a *Festa dos Anos* da nossa Mãe do Céu» é uma das celebrações marianas mais antigas da Igreja, com origens no Oriente, ligada à dedicação de uma igreja no local da casa de S. Joaquim e Sta. Ana, pais de Maria, em Jerusalém, no século IV. Curioso é que, mesmo sem saber datas certas¹, esse *Povo de Deus* (a comunidade dos crentes) começou a buscar um *Dia dos Anos* dessa «*Privilegiada Mulher* a quem Deus escolheu para ser a *Mãe de Deus Encar-*

nado». Encanta-me esta imaginação posta assim ao serviço do *Culto* a Nossa Senhora. Gosto de percorrer o *cultivo* desta devoção ao longo da História da Igreja. Por exemplo, este estender-se desde o Oriente para o Ocidente, até cobrir o mundo inteiro, inserindo-se nas diferentes culturas, mas sem perder a *revelação*² inicial, que se vai veiculando nesta *cultura* mariana. É uma forma de reverência pela *mulher*, encarada porque encarnada, na sua tríplice dimensão de mulher *virgem*, mulher *esposa* e mulher *mãe*. E 'isso' nós o eternizamos no culto a Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja.

2. A «festa» sempre pode acontecer... Ainda lembro de, já homem feito, me empolgar todo com as «Músicas de Intervenção» que acompanharam o eclodir do 25 de Abril. Aquela insistência no «é preciso fazer acontecer» tocava-me e despertava em mim uma energia e esperança necessárias para o meu encetar «caminhos não andados que esperam por alguém». Ain-

da hoje me sinto nessa missão — «caminhar os caminhos (sobretudo os) ainda não andados» mas que, desde há muito, estão «à espera de alguém»...

Agora, «por razões que a razão desconhece», ainda estou no Calvário. Mas já a *fazer nada*... E lembro aquela de Tagore: «O mal deste mundo moderno é que deixou de ter tempo para estarmos juntos a *conversar de nada*». E ainda uma outra de minha filha, muito novita, depois da mãe morrer, num dia em que estávamos só os dois diante da televisão, num tempo em que eu corria de um lado para outro para segurar a barca: — *Ai, papá, já tinha saudades de estar assim contigo em casa, a falar de nada*...

O Calvário, nascido de uma *inspiração*³ de Pai Américo e levantado pela dedicação de Pe. Baptista, é chamado a ser «uma palavra tirada do Evangelho» (palavra nova). Ontem, hoje e amanhã. Testemunhou sê-lo num tempo em que a *Segurança Social* era zero. Os tempos mudaram — porque «este mundo é feito de mudança»... Estamos de pé já a passar dos 70 anos... Hoje temos já uma *Segurança Social*. Mas ainda não chegamos àquele sonho que Pai Américo deixou exarado nas páginas d'*O Barredo* — não precisarmos mais nem

de Casas do Gaiato nem de Calvário(s). Ele intuía que «toda a Ação Social ou é também Ação Teológica ou já não é Ação Social nenhuma». Nós estamos, assim, constituídos em nosso próprio desafio — nós as IPSS (de iniciativa particular) e as ERPI (de iniciativa estatal). A umas e a outras compete, agora, *descobrir* o como fazer para que esta «palavra nova» não caia na «vulgaridade das obras semelhantes». Este é o grande desafio que se coloca a quem trabalha nestas áreas do lidar com *os mais frá-*

geis... E recordo ensinamentos que me propus à medida que ia tomando consciência desta «terra sagrada» que me propunha pisar — *há que, periodicamente, rever os nossos conceitos de 'ajuda' e de 'pessoa'*...

1. Naquele tempo, naquela cultura, as mulheres «não eram gente que contasse... As mulheres e as crianças são resgatadas pela Boa Nova de Jesus... Havia, pois, que honrar a Sua Mãe!

2. Como a própria palavra indica, *revelar* é «acender uma vela» que faz luz sobre um determinado «mistério da nossa Fé».

3. Inspiração é a 'ação' do 'espírito' de Deus em nós, a chamar-nos para algo do *Bem Comum*...

Um admirador

[Escreve segundo o acordo ortográfico]

PÃO DE VIDA

Continuação da página 1

e o mundo? Muitas e hei-de dizer-lhas quando você vier ao continente e me for visitar. Este passo é filho de raciocínios muito profundos, hoje já de ordem espiritual e que portanto você não os poderia compreender. [...]» [O Gaiato, N.º 414, 23 Jan. 1960, p. 2].

Depois, à beira de fazer 36 anos, Américo deu o passo derradeiro, mas ainda em dúvidas, de acordo com uma carta para o mesmo amigo Simão, enviada de Paço de Sousa, de 20 de Outubro de 1923. Recolhemos estas linhas muito importantes sobre a sua resolução final, em que anuncia a sua partida para o Convento Franciscano de Vilariño de la Ramallosa, em Tuy: «É amanhã que parto para Espanha; toda a minha gente julga que África é o meu destino. E pode ser que seja, quem sabe?! Se soubesse como esta transformação brusca de vida e hábitos me custa?! Mas que quer que lhe faça, custava-me muito mais viver no mundo! [...]» [O Gaiato, N.º 415, 6 Fev 1960, p. 1]. De referir que indicou para correspondência o pseudónimo de Joaquim Ferreira Rodrigues.

O grande salto de Américo de Aguiar para esse Convento da Ordem dos Frades Menores, na Galiza, é resumido assim pelo seu irmão mais velho, Padre José de Aguiar: «Por particulares disposições de espírito, suscitadas por correspondência aturada com o Prelado de Moçambique, D. Rafael da Assunção, actual Bispo de Limira, resolveu abandonar a vida que levava, e em Outubro de 1923 entrou no noviciado, no convento de Santo António de Vilariño, Tuy, onde esteve como Postulante 9 meses, estudando Ciências e Latim.» [O Gaiato, N.º 326, 1 Set. 1926, p. 2]. D. Rafael da Assunção deu esta informação, entre outras: «[...] Foi seu professor o P. Albano Alves [1886†1956], abalizado latinista, que já em Itália havia ensinado esta língua. [...]» [O Gaiato, N.º 332, 24 Nov. 1956, p. 2]. Na sua formação conventual, chegou a tomar hábito de noviço franciscano, como testemunhou bem o Padre Alexandre dos Santos [1875†1961]: «[...] A 14 de Agosto de 1924 Américo tomou hábito com mais uns quinze noviços, para professarem no ano seguinte, no dia 15, Assunção de Nossa Senhora. Agora é Frei Américo. Fr. Américo era um S. Francisco por vocação e, de facto, sem ele, talvez, e nós realmente

darmos por isso. [...]» [Revista Alma, 21, Set. 1956, p. 4]. Tomou o nome religioso de Frei Américo de Santa Teresa, talvez pela sua devoção a Santa Teresinha do Menino Jesus e em memória de sua Mãe Teresa Ferreira Rodrigues.

Segundo o testemunho do Padre José de Aguiar: «[...] Depois tomou o hábito e foi noviço durante um ano, continuando durante esse tempo os estudos de Latim. Tinha passado 21 meses, após a entrada no convento, quando, em reunião de Capítulo, a votação lhe foi desfavorável. Chamado pelo Guardiã, este pediu-lhe para desistir, alegando que 'não assimilava a vida monástica por ser muito impressionista'. [...]» [O Gaiato, N.º 326, 1 Set. 1956, p. 2]. Na verdade, em Frei Américo era notória a virtude da caridade, dedicando-se aos pobres e doentes, como ao Irmão leigo Frei Matias [Gonçalves Barroqueiro, 1840†1927]. É, pois, de rectificar — por conselho, em vez de votação — conforme anotou, com fonte segura, um estudioso desse Convento — o franciscano Padre Fr. Arlindo Rodrigues da Silva Barbosa [1924†2012]: «De mão do P. Luís do Patrocínio [1871†1952] encontramos este registo a 6 de Agosto: 'Às 9 1/2 votação dos noviços e saindo, por votação, Francisco Amaral e Fr. Aníbal Beleza, e sem votação, mas por conselho, Fr. Américo Aguiar. Aqueles dois foram de tarde, na camioneta com o Fr. Cristóvão, por Guardia, Caminha. Este, à noite, pela camioneta para Tui, com o Fr. Francisco Botelho, Fr. Adjuto e Fr. Cristóvão.'» [vd. Franciscanos Portugueses na Galiza — Vilarinho da Ramallosa (1905-1980), vol. II, Vilarinho, 1995, p. 47, inédito]. O Padre Fr. José David Antunes Gonçalves [1916†2018], bom amigo franciscano que conhecemos em Montariol, disse-nos que Fr. Américo: Era tão grande, tão grande que não cabia entre nós! De notar que foi o autor da capa da 1.ª edição do livro *Obra da Rua*, 1942; e do célebre desenho de Jesus Cristo, 1976.

Tendo sido aconselhado a

sair do Convento franciscano de Vilariño, Américo de Aguiar ficou naturalmente muito abatido; e assim fez a viagem de Vilariño de la Ramallosa para o concelho de Penafiel. Acabou por se dirigir para casa do seu irmão Padre José de Aguiar, em S. Miguel de Paredes, onde era Pároco. O seu estado de espírito foi descrito por um amigo penafidense — António Moreira da Rocha — desta forma: «[...] Mais tarde, o irmão falou-me um dia da profunda emoção de que vinha possuído o Américo ao entrar em sua casa, despedido do convento — tal era o 'desfalecimento' que a sós no quarto irrompera em copioso pranto. Apesar disso, nunca descobri no seu coração o mais leve ressentimento contra os padres franciscanos de Vilarinho. [...]» [Boletim Penafiel, N.º 1, 1972, p. 40].

No apontamento biográfico citado, o Padre José de Aguiar resumiu assim os momentos posteriores à saída de Vilariño: «[...] Em Julho de 1925 chegou a casa desfalecido, desorientado com tal decisão imposta pelo Guardiã. Insistindo pela vida eclesiástica, pediu-se ao Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, a admissão do Américo no Seminário diocesano. 'É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desenganos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto'. Falou-se ao Senhor Bispo de Coimbra, D. Manuel L. [Luís] Coelho da Silva: 'Que venha. Vamos a ver o que sai.'. Saiu o que saiu. Mais tarde, falando-me o Bispo do Porto sobre o Américo, disse-me 'que estava arrependido pelo não ter admitido, que tinha dele magníficas informações pelo colega de Coimbra, que este o considerava uma bênção para a sua diocese'. E, como desabafo, íntimo: 'Ou cá ou lá, serve a Igreja, enfim, presta serviço a Deus'.» [O Gaiato, N.º 326, 1 Set. 1956, p. 2].

No próximo apontamento, daremos mais notícias — da sua admissão: *De como Américo Monteiro de Aguiar entrou no Seminário de Coimbra...*

Padre Manuel Mendes

DOCTRINA

A verdade é uma tal força que mesmo sem ser vista comove as almas



Recebi recado que tinham chegado uns senhores e estavam ao pé do cruzeiro à minha espera. Desço. Eram dois carros ligeiros e uma data de pessoas à volta. Apresentaram-se: Vicentinos de Valbom e seus amigos. Aqueles vinham tratar da construção de casas.

Palavra puxa palavra, compreendi que Valbom é uma freguesia do concelho de Gondomar. Digo das oito moradias implantadas em Vale de Ferreiros, num cabeço rente à estrada. Digo mais que sendo ali Rio Tinto, é muita pena que a Câmara de Gondomar não acuda e urbanize. Disse e disse e disse. Calhou bem. Um dos presentes era justamente vereador! Ouviu. Pode relatar aos seus colegas. Vamos a ver.

Estando eu ainda em conversa, eis que um terceiro carro se aproxima, de onde sai uma senhora e um cavalheiro. Sairam e ficaram no mesmo sítio como quem deseja falar. Despeço-me dos vicentinos que vão percorrer a Aldeia na companhia de um cicerone e aproximo-me dos recém-chegados. Ela é dinamarquesa, ele é norueguês. Este reside no Porto há um ror de anos e ofereceu-se para acompanhar aqui a ilustre visitante. A primeira coisa foi apresentar as suas credenciais. Não vinha em missão oficial, mas era oficialmente apresentada pelo seu país. Como sempre, quando assim é, costume chamar um rapaz e desta vez não fugi à regra. Foi o Júlio Mendes. Eram três da tarde. Duas horas depois ainda o Júlio não se tinha cansado de mostrar e dizer, nem os visitantes, ao que parece, de ver e ouvir. Mas eram horas do chá. Eu tinha decidido oferecer um chá aos dois escandinavos e fui ao seu encontro para esse fim. A senhora vem munida de uma máquina fotográfica e um livro de apontamentos. Na varanda da casa-mãe eu observava. Em muitos sítios e por várias vezes, a visitante tirava vistas e escrevia. No momento em que me aproximo, estava ela embebida no meio de uns trinta dos mais pequeninos que empilhavam lenha rachada por detrás da casa três. Ela, que vem das sete partidas do mundo, parece ter achado uma coisa nova e não soube esconder o seu espanto! Os mais pequeninos, sobretudo, eram a sua enorme confusão. O Júlio tinha certamente explicado as normas da nossa Casa. Teve duas horas para o fazer. Falou durante todos os minutos. Mas uma coisa é ouvir, outra é ver e outra é o sentir. Tinha visto e ouvido. Agora era o melhor: sentir. A minha presença foi-lhe ali necessária. Ela tornava-me responsável por tudo que estava vendo e queria que eu decifrasse tanta soma de beleza. Respondo que também não sabia como aquilo era feito. Só os artistas podem decifrar a sua obra, mas nada disto é meu. Não é obra minha. Não sei dizer.

Seguíamos, agora, pelos jardins fronteiriços. Há um lago. Plantas e flores. Um talude bordado. Patos na água. Colunas de granito que foram do antigo convento. O Antoninho, blusa azul e avental branco, diz-nos da porta da casa-mãe que o chá está na mesa. Mais encanto para a viajante. Toma o livro de notas e escreve, escreve, escreve. Pergunta se não há ninguém a tomar conta dos mais pequeninos e eu respondi que os chefes. Isto parece não a ter satisfeito e daí nova insistência: «Mais ninguém?!» Compreendi. Era uma mulher que perguntava. A mãe quer saber se aqui há mães! Todo o seu enlevo, a sua insistência, a sua curiosidade; tudo se resumia num estuante desejo.

Tínhamos entrado no pequenino refeitório onde o chá vai ser servido. Sobre a mesa, uma toalha de linho. Sobre esta, em pratos pequeninos, eram bolachas, torradas com manteiga e fatias de um bolo de fruta que ontem nos haviam oferecido. Um açucareiro, um bule, uma caneca de leite e outra de água fervente. É assim em Londres. No final, propus-me dar à nossa ilustre hóspede uma grande certeza. Apresentei-lhe as três senhoras da Casa, que são outras tantas mães. Depois do chá uma impressão melhor. A última é a que fica. Ela viu e conheceu. Hoje sabe e vai dizer para a sua terra que os abandonados de Portugal vivem em famílias e têm mãe!

No dia seguinte, vou do meu quarto em direcção à Capela e oiço um doce chilrear. Fui ver. Eram os cinco infantes à roda da mãe a receber mimo e a dar meiguices, tal qual os filhos que têm a sua mãe.

Eis aqui o fundamento. Fundamento da verdade que a nossa visitante vai espalhar na Dinamarca, entre os seus. Não se trata de palavras. Não temos aqui propaganda. Não se finge. A verdade é uma tal força que mesmo sem ser vista comove as almas.

PAI AMÉRICO, *Notas da Quinzena*, 1.ª ed., 1986, pg 354-357

Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7800

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5
NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

BENGUELA – VINDE VER!

Os dirigentes de amanhã

É necessário continuarmos a colocar as bases do fundamento do edifício que estamos a construir, se quisermos que no futuro tenha suportes seguros para se manter de pé com firmeza. Recebi um telefonema de Luanda. O emissor queria falar com o senhor Director da fazenda. Sim, somos da Casa do Gaiato de Benguela. Somos a família dos filhos que perderam a sua família ou que tenham sido abandonados, pobres e carenciados de pão e amor. Aqui encontram um lar familiar. Outros julgam que somos empresa. Pois enganam-se e fazem os inocentes deturpar ainda mais a versão posterior que venham a encontrar. Somos uma família com especificidades próprias da natureza da nossa Obra da Rua. Somos o amparo daqueles que foram rejeitados. Os rapazes aos poucos devem receber orientações pontuais conforme a manifestação comportamental de crescimento e maturidade face a sua capacidade para assumir responsabilidades maiores dentro da nossa Casa hoje e amanhã bom prestador de serviço à pátria, aonde deverá ser enquadrado como cidadão normal no conjunto das normas de boa convivência, no respeito às instituições, zeloso cumpridor dos seus deveres e digno me-

recedor dos seus direitos. O princípio de toda orientação da Obra é que de entre os rapazes de hoje saiam os continuadores dirigentes de amanhã. Não de entre os estranhos. Estes com todo o respeito, só e somente em ocasiões excepcionais, ali onde vier a faltar a prata da casa por motivos de faltar formação adequada ou maturidade para desempenhar certa tarefa até que chegue o dia em que a prata começa a brilhar e a tomar o seu lugar para cuidar dos seus irmãos com o mesmo espírito e sentimento de pertença à Obra dos pobres. A sua formação para a continuidade vem da natureza do projecto educativo que durante dez ou dezasseis anos de permanência na nossa Casa foi alvo da sua orientação. A sua experiência e compreensão da caridade em acção vem da Cruz elevada no alto do Calvário, onde Cristo pregou o sentido mais esclarecedor da doação e entrega incondicional e gratuidade ao dom do alto. Seguem-se os fundamentos académicos. Todos os rapazes vão à escola desde a primeira hora em que dão entrada na nossa Casa. O dia seguinte é reservado à matrícula, o uniforme e a mochila às costas. Seguem sem interrupção até ao 9º ano. Depois são enquadrados nos Institutos médios na cidade

para a frequência aos cursos escolhidos por cada um conforme as suas inclinações, aptidões e preferências académicas. Enquanto frequentam as aulas aqueles que completam dezasseis anos de idade são encaminhados no período inverso para os sectores das oficinas escola, para aprender uma profissão. Todos os rapazes que se destacam a nível de competências académicas seguem para tirar um curso superior dependendo das portas abertas das Universidades para o seu acolhimento na qualidade de bolsheiro. Vão assumindo responsabilidades em vários sectores da vida da Casa, liderando pequenos grupos conforme os trabalhos a serem realizados no campo agrícola, nas oficinas, na escola e na vida doméstica comunitária. A conclusão é de Pai Américo «tudo isto é missão vossa; lugar que vos está reservado. Vós tendes inteligência, tendes capacidade, sois dotados de valor. Salvaram-te? Pois vais tu agora salvar. Os teus companheiros da rua estão à tua espera. Põe à ordem deles a tua inteligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorizas mais. E cumpres o Evangelho 'faz aos outros como gostas que te façam a ti.'»

Padre Quim

CALVÁRIO

Continuação da página 1

seguidos foram diferentes doentes às piscinas de Recarei para actividades terapêuticas e lúdicas.

O início da manhã, logo após o pequeno-almoço, era dedicado ao jogo de boccia. Ainda numa fase de aprendizagem das regras, foi bom perceber que a formação despertou muito interesse, até em alguns doentes que habitualmente não participam nestas actividades que a Casa oferece. Todos queriam dar o seu contributo à equipa azul ou vermelha. Ninguém gosta de perder! No futuro pensamos poder preparar uma equipa que possa competir com outras existentes no Concelho de Paredes.

O atelier de papel é o mais exigente, mas o que pede também mais dedicação e atenção para todos os que nele participam, sejam os assistentes sejam os doentes.

Rasgar o papel velho, colocá-lo na água, triturar bem para fazer a pasta, colorir e, depois, enformar no quadro de rede e colocar a secar, são etapas de um processo complexo, mas frutífero. É um atelier que trará melhor sensibilidade motora fina, para que os doentes não percam competências ao nível dos membros superiores.

Também os colaboradores fizeram formação com o Padre Custódio, na área da espiritualidade e do autocuidado para quem trabalha com doentes. Ele é Capelão no IPO de Lisboa e que também nos visitou nesta ocasião. É imprescindível vislumbrar em cada doente o rosto de Cristo Pobre, sentir-se realizado no trabalho desenvolvido e aprender a cuidar-se, foram algumas das temáticas desenvolvidas num tom de muita partilha e comunicação interpessoal.

A semana rematou com uma breve visita do Padre Baptista ao edifício renovado. Ele tem

estado por Paço de Sousa para exames médicos. Agradecemos que nos tenha visitado e entrado na casa que ajudou a construir e onde serviu os mais pobres e marginalizados durante seis décadas.

Foi uma semana cheia de actividades, emoções, sorrisos e muita esperança no dia de hoje e de amanhã, para que evoluindo se mantenha o carisma do Padre Américo: uma Casa do Gaiato *sui generis*, um Calvário onde os seus membros frágeis são o coração das preocupações de todos. Um espaço construído pelas suas vidas tão particulares e exigentes que nos permitem servi-las como se fora ao próprio Senhor.

Esperamos que os que passaram por nós voltem sempre, não só quando os desafiamos a trabalhar a favor dos doentes, mas também que venham para ficarem connosco, como sempre pede o Padre Telmo, e termina: é tão lindo! E não é que é verdade?!

Padre José Alfredo

POBRES

Foi através do irmão que nos conheceu. Ele, pelo Natal, habitualmente aparecia, com a sua bicicleta. Ceava connosco e pernoitava na Noite de Natal. A vida dele dependia de alguns serviços que prestava em casas religiosas. Nós gostávamos da sua presença à nossa mesa, tornava o nosso Natal mais próximo do verdadeiro Natal. Os Pobres são presença de Deus, n'Ele Se esconde.

Comecei por falar da sua irmã. Aflita por não conseguir comprar as vacinas para a sua bebé, o irmão falou-lhe de nós. Então, veio até cá trazendo a sua filha num carrinho coberto com um plástico porque chovia. Levou tudo o que precisava e, passados uns meses, as facturas da água e da luz ficaram por nossa conta, de nós e de ti, caro leitor, que tens partilhado do mesmo amor pelos Pobres.

Agora, voltou. A menina não veio porque começou a ir para o infantário e «não podia faltar senão perdia a vaga», mas trouxe o carrinho para transportar os géneros alimentares que lhe demos e mais um alívio para leite e fraldas, que terá de deixar em breve.

«Este é o meu carro!», disse ela enquanto passava pelos nossos rapazes ocupados na jardinagem. De facto, muitas vezes os Pobres vêm até nós de carro, normalmente de um vizinho que se presta a dar uma ajuda ou nalgum carrinho que tenham. As distâncias são, por vezes, grandes, como é o caso desta mãe, que faz uns quilómetros até à estação do caminho de ferro e um pouco mais para chegar a casa. Mas, com alegria, vencem as dificuldades. De facto a alegria não estar no ter muito mas no bom acolhimento com que somos recebidos.

Padre Júlio

SINAIS

MORREU o Neca. A todos os que o conheceram peço para ele uma oração.

Foi ele o *Chefe Maioral* do grupo que comigo fundou a Casa do Gaiato de Malanje, Angola. Sempre atento, sempre amigo de todos como Chefe Maioral. Foi o grande obreiro na construção da nossa Casa do Gaiato de Malanje, Angola. Amigo de todos e sempre fiel à Obra... Vamos recordá-lo sempre como exemplo de dedicação e amor à nossa Obra!!!

A nossa gratidão à Casa de Saúde que o acolheu com carinho.

Em algumas Casas do Gaiato, ele deixou o seu dom em imagens com beleza... Grande Neca! É com amor e saudade que te recordamos.

Vais perdoar-nos se falhamos um pouco no acolhimento e falta de carinho no teu fim.

Não te vamos esquecer na nossa oração.

Padre Telmo



Obra icónica do Manuel de Sousa Cardoso — «Neca»: Centenário do Nascimento de Pai Américo